

A HISTÓRIA LITERÁRIA

Elenor J. Schneider

INTRODUÇÃO:

Este estudo não tem intenção de esgotar o tema. Em primeiro lugar, porque é vasto, e depois por causa das limitações que me estão impostas para, por enquanto, falar com domínio maior sobre o assunto.

Estou apresentando, e isso espero estar fazendo de maneira clara e coerente, um estudo sobre a história literária.

Fosse um estudo sobre outra ciência (a Física, por exemplo), talvez a tarefa estaria simplificada, uma vez que nela a evolução se coloca quase que numa escala determinista. Melhor ainda seria o exemplo da biologia.

Na literatura, no entanto, há um caráter de imprevisível, de pluralidade, e a evolução se abre em leque para o caminho adiante.

Procuro dar um panorama do assunto, desde o método de Lanson até os modernos estudos dos formalistas.

Valho-me do posicionamento de alguns teóricos e estudiosos que traduzem o tema com boa visão, procuro entender suas idéias, comentá-las e relacioná-las com o objetivo primeiro de mostrar onde andam, como se situam os estudos da história literária a partir, principalmente, dos formalistas.

1 .NOVOS CAMINHOS DA HISTÓRIA LITERÁRIA

Com a chegada do Romantismo, iniciaram-se também os modernos estudos da história literária. Ocorreu o abandono dos estudos literários anteriores ao século XIX, em que, por um lado, havia uma crítica limitada a alguns conceitos vagos e imprecisos, provenientes ainda de Aristóteles e Horácio, e, por outro lado, uma história de simples acúmulo de dados sobre autores e obras.

A grande afirmação do século XIX foi o estabelecimento da História como algo concreto e mutável num espaço e num tempo determinados.

Também a literatura passou a ser vista sob outra perspectiva. Eis o que está em Vítor Manuel de Aguiar e Silva: "A literatura é coisa viva e dinâmica, é ímpeto e revelação das almas, pintura das sociedades — e a erudição setecentista considerava-a como objeto arqueológico." (1)

Estabelece-se a idéia da história literária como um processo ininterrupto e continuado, que não apenas fixe o fenômeno, mas explique e justifique sua evolução e também seu impossível desvínculo com a cosmovisão em que se insere.

Cabe colocar o ponto de vista de Francisco Iglésias sobre História: "Embora julguemos que o trabalho do historiador deva ser eminentemente a pesquisa, não é menos legítimo o cuidado com os altos temas, assuntos gerais, autores e ideologias significativos." (2)

(1) Aguiar e Silva, V. M., Teoria da Literatura, v. 490

(2) Iglésias, Francisco. História e Ideologia, p. 10

Exatamente assim se punha a questão no século XIX, mesmo século em que a história literária passou a se valer da filologia para seus estudos e a crítica tomou a poesia e a criação literária, com muita herança do passado, especialmente a orientação sistemática.

O trabalho histórico-filológico foi de grande valor para a literatura no que tange ao inventário de obras importantes que estavam guardadas no passado. Surge com destaque, nestes estudos, o nome de Gustave Lanson.

Seu método seria refutado mais tarde pela moderna crítica, especialmente o formalismo russo, a estilística e o new criticism americano, que atacaram sobremaneira "o factualismo e o historicismo, e o cientismo que eivava a história literária", segundo Aguiar e Silva.

2. GUSTAVE LANSON ESTABELECE UM MÉTODO

Há necessidade inicial de estabelecer uma diferença no objeto de estudo da História e da história literária.

Ambas se preocupam com fatos do passado; a primeira, porém, maneja o pretérito finito, estático, e a segunda, um passado que se presentifica nas obras literárias.

Além do mais, a necessidade de compreender as obras literárias não apenas singularizadas e autônomas, mas também relacionadas a aspectos mais amplos que envolvam sua criação.

Lanson não deixa de admitir a leitura e crítica impressionista, mas não permite que ela se introduza no método objetivo, vindo a substituir a própria história.

Da mesma forma, condena a crítica dogmática.

Propõe, entretanto, uma leitura única a leitor e época determinados, esquecendo o fato da pluralidade do texto e de que este ultrapassa o tempo e o espaço, sofrendo leituras tão variadas como as cosmovisões com que contata.

Em Aguiar e Silva, uma visão muito ampla para o campo da história literária: "A história literária tem como finalidade o conhecimento dos textos literários, as suas relações com uma tradição literária, o seu agrupamento em gêneros, a sua filiação em movimentos ou escolas, as conexões de todos estes fenômenos com a história da cultura e da civilização." (3)

Considerando o aspecto de que cada obra constitui um fenômeno particular, importa apontar algumas operações básicas para o método histórico:

- a) conhecimento da bibliografia relativa aos autores e obras a estudar;
- b) conhecer o caráter de autenticidade ou não do texto;
- c) o estabelecimento de um texto o quanto mais próximo do original;
- d) a determinação da data do texto;
- e) a alteração, às vezes acentuada, que o autor faz em uma obra de uma edição a outra;
- f) o estabelecimento do sentido literal de um texto;

(3) Aguiar e Silva, op. cit., p. 515

- g) o estabelecimento do sentido literário do texto;
- h) a preocupação com a gênese da obra;
- i) o estudo das influências sofridas e das fontes utilizadas por um autor;

j) o estudo do êxito obtido por uma obra ou por um autor e da influência que exerceram.

O historiador literário deve evitar:

- a) o conhecimento falso ou incompleto dos fatos;
- b) o estabelecimento de relações inexatas;
- c) a extensão ilegítima do significado de um fato observado;
- d) o engano ou a confusão no uso dos métodos.

O trabalho proposto por Gustave Lanson não deixa de ter aspectos relevantes. A extensão, porém, faz com que, no mínimo, a execução se torne extremamente ardorosa e praticamente impossível.

Além disso, o caráter literário da obra não é questionado. Há uma verdadeira soma de dados, mas não há literatura.

O campo é extremamente ilimitado, tanto na dimensão do trabalho, quanto na ampla faixa de subjetividade que se oferece.

3. DO PONTO DE VISTA DO FORMALISMO RUSSO

Negar o caráter histórico da literatura, foi apenas uma atitude polêmica inicial dos formalistas.

Boris Eikhenbaum: "Deveríamos destruir as tradições acadêmicas e nos desembaraçar das tendências da ciência jornalística." (4)

E continua: "... Deste modo, a atitude principal de nosso trabalho em história literária devia ser a atitude de destruição e negação." (5)

Logo, porém, propuseram idéias claras, chamando a atenção para o contexto histórico-literário e a perspectiva diacrônica da obra literária.

Chklovski chama a atenção para o fenômeno da mudança a que se submete toda obra de arte. Esta mudança é proposta como a contínua ruptura com as formas existentes, havendo assim um aspecto dinâmico que encadeia passo a passo os fatos, admitindo a presença de uma ordem histórica na literatura e o casamento constante e necessário da sincronia com a diacronia.

Somava-se a esta idéia a posição de Tynianov: "Toda sucessão literária é antes de tudo um combate, é a destruição do todo já existente e a nova construção que se efetua a partir dos antigos elementos." (6)

Tynianov, no ensaio "Da evolução literária", apresenta um importante ponto de vista sobre o tema. Propõe a obra e a literatura como sistema. E, sendo sistema, cria-se a necessidade da correlação e da interdependência e, portanto, elimina-se o caráter imanente da obra literária.

(4) Eikhenbaum e outros, Teoria da Literatura, p. 32

(5) Eikhenbaum e outros, op. cit., p. 35

(6) Eikhenbaum e outros, op. cit., p. 33

Tynianov: "O estudo isolado de uma obra não nos dá a certeza de falar corretamente de sua construção, até mesmo de falar de sua construção." (7)

A obra passa a exercer verdadeiramente uma função e, como tal, é indispensável conhecer o sistema da qual participa.

Tynianov: "Chamo função construtiva de um elemento da obra literária como sistema sua possibilidade de entrar em correlação com os outros elementos de um mesmo sistema e, conseqüentemente, com o sistema inteiro." (8)

Quanto à correlação da literatura com as demais ciências, a idéia fica clara quando Mukarovsky diz que "toda a mudança nas estruturas artísticas é provocada do exterior, porém como um determinado desafio externo é enfrentado, e a forma a que ele dá origem, dependem de fatores inerentes às estruturas artísticas." (9)

E ainda uma vez a contribuição de Tynianov: "A existência de um fato como fato literário depende de sua **qualidade diferencial** (isto é, de sua correlação seja com a série literária, seja com uma série extraliterária), em outros termos, de sua função." (10)

Estas idéias são esclarecedoras, propondo uma nova visão do estudo histórico da obra literária. Há um abandono dos sociologismos e psicologismos. "Para nós, o problema central da história literária é o problema da evolução fora da personalidade, o estudo da literatura enquanto fenômeno social original." (11)

O que se coloca acima de tudo é o ser literário, a literariedade. E estudá-la, identificá-la, não pode constituir um fenômeno de pura imanência. Há um passado e um futuro para cada presente. De acordo com esta idéia, não há obra isolada, obra única. Toda obra se enquadra num sistema. É necessário considerar a aura literária que a envolve.

Desta forma, a história literária não é mais um conjunto de compartimentos estanques, mas surge como um fluxo que se altera à medida que a obra se enquadra no sistema.

4. NEW CRITICISM, A IMANÊNCIA E A A-HISTORICIDADE

Tende o new criticism a abolir o caráter histórico da obra literária.

Parte para um extremo oposto ao que se punha na visão tradicional onde a história da obra e do autor tomaram a mais proeminente posição.

Quer chamar a atenção do leitor sobre o texto, sobre sua estrutura. Propõe uma análise fora da história, unicamente projetada para o texto.

Não poderia deixar de ser que o romance e o drama fugis-

(7) Eikhenbaum e outros, op. cit., p. 109

(8) Eikhenbaum e outros, op. cit., p. 108

(9) Aguiar e Silva, V. M., in Teoria da Literatura, p. 569-70

(10) Eikhenbaum e outros, op. cit., p. 109

(11) Eikhenbaum e outros, op. cit., p. 35

sem de suas preferências, uma vez que estes anunciam uma implicação histórica quase necessária, o que não acontece, por exemplo, com a poesia lírica que, por isso, mereceu sua atenção.

Há dentro do movimento posições mais equilibradas, porém o que predomina é a tendência a um total sincronismo da obra.

T. S. Eliot, citado em Wellek e Warren: "O conjunto da literatura da Europa, desde Homero, tem uma existência simultânea e constitui uma ordem simultânea." (12)

5. CORRELAÇÃO LITERATURA - SÉRIES VIZINHAS

Para Tynianov, as séries vizinhas são a vida social: "A vida social correlaciona-se com a literatura antes de tudo por seu aspecto verbal." (13)

Eis a grande importância dos estudos lingüísticos para a literatura. Tynianov e Jakobson já evidenciaram o fato ao relacionar a "langue" e a "parole", "a norma existente e os enunciados individuais". (14)

É através da palavra que a obra literária se relaciona com a vida social, abstraídas quaisquer noções de intencionalidade ou "ca-tequismo".

Isto justifica o fato de a "necessidade da criação" ser muito mais imperiosa que a "liberdade de criação".

Tynianov diz da fragilidade desta liberdade que inclusive acaba submetendo a criação a um gênero já estabelecido.

Aparece nítida a importância da função poética, que projeta a palavra voltada para si mesma.

6. A HISTÓRIA LITERÁRIA EM WELLEK E WARREN

R. Wellek e A. Warren apontam o caráter aliterário e extensivo que se dá à história literária.

Uns tentam descrever a literatura como documento histórico; outros a propõem como arte, mas colocam cada obra como uma existência particular, não dando o sentido de evolução.

"A maioria das principais histórias da literatura são ou histórias da civilização ou coletâneas de ensaios críticos." (15)

Apresentam a interessante posição de alguns teóricos que dizem não existir história da arte, porque esta "nunca melhora nem pode ser ultrapassada ou repetida", "a arte como conhecimento do presente, do omnipresente, do eternamente presente".

Uma obra literária tem uma determinada estrutura, o que não garante sua imutabilidade. A obra muda à medida que perpassa o espírito de leitores de épocas e locais diferentes, vale dizer, de diferentes cosmovisões. Captar estas diferenças é a tarefa do historiador da literatura.

Esta posição é frontalmente oposta àquela que dá a obra por terminada e relacionada como um objeto arqueológico. É dinâmica e dá um caráter de evolução à obra literária.

(12) Wellek e Warren. Teoria da Literatura, p. 322

(13) Eikhenbaum e outros, op. cit., p. 114

(14) Eikhenbaum e outros, op. cit., p. 97

(15) Wellek, René e Warren, Austin, Teoria da Literatura, p. 321

Nesta perspectiva, é importante o fato da "situação literária", embora esta não forneça dados suficientes para justificar uma evolução.

Mais adiante, em sua abordagem sobre a história literária, Wellek e Warren apontam: "A determinação da posição exata de cada obra dentro de uma tradição é a primeira tarefa da história literária." (16)

Esta posição exata comprova a originalidade e o caráter diferenciador e único da obra dentro da história literária.

Outro passo importante para verificar a evolução é comparar a série de obras escritas por um autor, ou na série a tomar um traço característico para observar a sua evolução.

Na evolução literária, há também o aspecto da evolução dos gêneros literários. Vem uma importante contribuição de Todorov, definindo gênero: "O gênero se define como a conjunção de diversas propriedades do discurso literário, julgadas importantes pelas obras onde sejam encontradas." (17)

Na mesma obra, ainda sobre gênero: "No estudo da evolução, uma vez estudado isoladamente cada aspecto do discurso literário, o passo seguinte consiste, portanto, em examinar certas combinações mais ou menos estáveis desses traços, chamados gêneros, e em seguir-lhes as transformações." (18)

Assim colocada a questão, tem-se efetivamente um elemento comprovável e passível de ser acompanhado na sua mutação, embora tenha alta carga teórica.

É necessário frisar que também a noção de gênero é sistêmica, uma vez que uma mesma obra pode constituir gênero diferente, dependendo do sistema literário contemporâneo do pesquisador.

Ainda merece estudo a problemática dos períodos e sua implicação com a história literária.

Descarta-se imediatamente a possibilidade de determinar os períodos por governos políticos, por faixas etárias, por ciclos econômicos. O que se põe é uma idéia provinda do formalismo russo que fala em "automatização" de um período e o necessário surgimento de um novo código, de uma "atualização".

Permanece, no entanto, a questão fundamental: a passagem do "velho" ao "novo" não explica uma evolução dentro da literatura. Então, coloca-se a questão das interferências exteriores e da pressão do meio social.

É uma questão aberta. O estabelecimento de períodos para a literatura, que antes se constituía em simples rotulação, hoje é tema complexo e merece dos estudiosos as mais profundas considerações. As justificativas apontadas por Wellek e Warren bem denotam a levianidade e impropriedade das rotulações dos períodos em relação à sua verdadeira significação literária.

A problemática de uma história literária nacional torna-se ainda mais difícil, uma vez que haverá grande tentação e quase neces-

(16) Wellek e Warren, op. cit., p. 323

(17) Todorov, T., Estruturalismo e Poética, p. 102

(18) Todorov, T., op. cit., p. 103

sidade de referir outras áreas não literárias. No Brasil, por exemplo, quanto se tem feito para distinguir as literaturas regionalistas?

O caminho é largo, longo para frente e para trás. O verdadeiro estudo da literatura está apenas iniciando.

7. POÉTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA

Quando Paul Valéry põe abaixo todo o factualismo e historicismo da obra literária, abrem-se os amplos caminhos novos da crítica e da história literária.

Então, passa a ser fundamental a visão da literatura como centrada em si mesma, criada sobre si mesma, abandonadas todas as perspectivas externas.

Para a história literária, não importarão mais o grande acúmulo de fatos e informações, uma vez que são extrínsecos ao objeto literário.

A Poética e a história literária constituem dois estudos diferentes. A primeira tem caráter geral (as propriedades do discurso literário); a segunda tem caráter mais restrito (o estudo das obras propriamente ditas). (19)

Há que destacar a importância da **descrição** para a Poética. Está na mesma relação da língua para as línguas reais, ou, como diz Benveniste, "a reflexão acerca da língua só é frutífera quando se aplica a línguas reais".

Segundo Todorov, a **descrição**, por necessidade, precede e segue a Poética. Não pode haver uma reflexão teórica da Poética.

Vem daí a importante conclusão de que não são as obras que evoluem, mas sim as propriedades do discurso literário. Exatamente a posição amplamente justificada pelos formalistas, de maneira especial Tynianov. A história passa a ser encontrada nas estruturas e só elas são postas como caminho de evolução.

Considerando o fato de que um texto sempre é a soma de outros, pode-se concluir que em cada texto ocorre a presença de outros e que estudar um texto significa buscar e encontrar a constante presença de outros e, segundo Todorov "uma obra adquire sempre seu sentido relativamente a outras, a um sistema de valores e significações". (20)

Com isso, não se advoga um estudo de "influências" de um autor sobre outro, mas procura-se encontrar uma evolução do próprio fenômeno poético.

(19) Todorov T., op. cit., p. 99

(20) Todorov, T., op. cit., p. 102

CONCLUSÃO:

Acima de tudo, é necessário afirmar que a história literária deve essencialmente ser uma história centrada no texto.

Ocupa-se com o texto e com o sistema no qual ele se enquadra. Não importa a gênese, mas sim a evolução do fenômeno. Fazer história literária absolutamente significa reconstituir o passado do texto.

Cai o tipo de história causa-efeito, porque não dá nenhuma resposta ao fenômeno poético.

Também limitar o campo, estabelecer o objeto deve constituir tarefa primordial destes estudos.

Não há dúvida, o formalismo russo chegou muito próximo, abriu muitas pistas.

O new criticism foi a exageros, fechando o estudo em si mesmo.

Na minha opinião, o estudo da história literária não será possível sem levar em consideração alguma coisa das séries vizinhas. Há o fator da intertextualidade que me parece ser importante nesta questão.

Considero, porém, que tudo o que for lateral à história literária deve ser tomado em medidas tais que não abra possibilidades para infinitas abordagens, porque isso levaria a um objeto não delimitado e, portanto, afastaria a possibilidade de uma ciência da literatura.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. 3a. ed., Coimbra, Almedina, 1973.

EIKHENBAUM et alli. **Teoria da literatura** (formalistas russos). 1a. ed., Porto Alegre, Globo, 1973.

TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e poética**. 3a. ed., São Paulo, Cultrix, s. d.

WELLEK, René & WARREN, Austin. **Teoria da literatura**, 2a. ed., Lisboa, Publicações Europa - América, 1971.

IGLÉSIAS, Francisco. **História e ideologia**. São Paulo, Perspectiva, 1971.